



## **TURBAS NA FLORESTA: REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA AMAZÔNICA NA OBRA MOTINS POLÍTICOS**

### **MOB IN THE FOREST: REPRESENTATIONS OF THE AMAZON NATURE IN THE BOOK "POLITICAL RIOTS"**

Luciano Demetrius Barbosa Lima \*  
Mestrado em História Social da Amazônia -  
UFPA

**RESUMO:** O presente trabalho tem como finalidade explorar aspectos da obra *Motins Políticos ou história dos principais acontecimentos políticos na Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*, do historiador Domingos Antônio Raiol, por se constituir numa abordagem essencial para o conhecimento de como intelectuais brasileiros do século XIX, enfocavam o mundo natural. Assim, embora a narrativa de Raiol fosse muito mais voltada para a descrição dos conflitos político-sociais no Pará. Nela, o lugar das representações da natureza, contudo não esteve ausente, aparecendo constantemente de múltiplas formas, ao longo dos eventos descritos pelo autor. A partir deste pressuposto analítico, pretendo expor algumas das várias “representações” da natureza, contidas nesta narrativa, não apenas a floresta, mas também descrições de suas belezas, riquezas, e até as doenças que ocorriam na região, para tentar entender mais profundamente as nítidas interações entre o mundo natural e o político.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação; natureza; história.

**ABSTRACT:** The present work aims explore the aspects of the work *Political Riots or history of the main political events in the Province of Pará from 1821 until 1835*, of the historian Domingos Antonio Raiol, since it constitutes an essential support for the knowledge of how Brazilian intellectuals of the century XIX, focused in the natural world. Thus, although Raiol’s narrative directed toward the description of the social and political conflicts in Pará, in it, the place of the nature representations was not absent, constantly appearing in multiple forms, throughout the events described by the author. From this presupposed analysis, I intend to display some of the various “representations” of the nature, contained in this narrative, not only the forest, but also descriptions of its beauties, wealth, and even the illnesses that occurred in the region, to try to more deeply understand the clear interactions between the natural and the political world

**KEY WORDS:** Representation; nature; history.

Em um contexto no qual a história do mundo natural ganha cada vez mais espaço, prestígio e importância, nada mais interessante que a tentativa de analisar e apresentar alguns dos sentidos e representações da natureza numa obra elaborada há mais de cem anos, que durante muito tempo, foi utilizada por vários estudiosos quase especificamente, quando desejavam focar as lutas político-sociais no Pará da primeira metade do século XIX.

---

<sup>1</sup>\* Luciano Demetrius Barbosa Lima é bacharel, licenciado e especializado em história. Atualmente é aluno do curso de Mestrado em História Social da Amazônia pela UFPA. [dehistoriador@Yahoo.com.br](mailto:dehistoriador@Yahoo.com.br)



Nesse sentido, a análise das percepções de Domingos Antônio Raiol \*\* sobre a natureza, na sua obra *Motins Políticos*, constitui uma abordagem essencial para o conhecimento do pensamento de um importante representante do mundo intelectual daquele contexto histórico, sobre um aspecto até então inexplorado de seu livro, e por isso inovador, ao simbolizar um quadro privilegiado para perceber como historiadores que “(...) tendiam a limitar suas responsabilidades a nação-estado, sua política (...)” (WORSTER, 1993, p. 8) percebiam o mundo natural.

A narrativa de Domingos Antônio Raiol era muito mais voltada para a descrição dos conflitos político-sociais no Grão-Pará da 1ª metade do século XIX. Porém, o lugar das representações da natureza, não esteve ausente, surgindo constantemente de múltiplas formas, ao longo dos eventos descritos pelo autor, correspondentes aos anos de 1823 a 1840.

Nesse sentido, ainda que grande parte da historiografia posterior, especificamente do século XX, composta por autores como: Henrique Jorge Hurley (1936), Ernesto Cruz (1942), Carlos Rocque (1984), Júlio José Chiavenato (1984), entre outros, tenha utilizado a obra *Motins Políticos* como fonte, valorizaram majoritariamente os aspectos político-sociais, deixando de lado qualquer análise mais profunda sobre a importância ou mesmo, a presença da natureza nos escritos do Barão do Guajará.

Vale também enfatizar que embora no século XIX e início do XX, para um grande número de historiadores ocidentais “(...) o único assunto importante era a política e (...) o único campo digno de interesse era o estado nacional. (...)” (WORSTER, 1991, p. 1). A presença de múltiplas referências ao mundo natural, ao longo do livro de Raiol, antes de exprimir uma contradição, simboliza e confirma que mesmo com a ênfase a este estilo de produção histórica, era bastante difícil separar movimentos políticos locais da natureza amazônica.

A partir destas considerações, este artigo tem por objetivo analisar e expor algumas das múltiplas “representações” da natureza na obra *Motins Políticos*. Entendemos que apesar da

---

<sup>2\*\*</sup> Domingos Antônio Raiol, possuidor título nobiliárquico de Barão do Guajará (1883), foi também um dos mais proeminentes historiadores e intelectuais do Norte do Brasil de sua época. Nascido em Vigia no Grão-Pará (30-03-1830), estudou no Liceu Paraense e formou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1854, pela Faculdade de Direito de Recife, numa época em que tal escolaridade representava um importante meio de ascensão nos mundos social, político e das letras. Além disso, por indicação imperial, foi presidente das províncias de Alagoas (1882), Ceará (1882) e São Paulo (1883).



existência de um enfoque político hegemônico, o meio natural não foi excluído, nem percebido “(...) como um pano de fundo passivo. (...)” (Ibidem, p. 12).

Dessa maneira, enfocaremos na obra de Raiol alguns dos variados “papéis” “desempenhados” pelo meio ambiente amazônico, não apenas a floresta, mas também algumas descrições de suas belezas, riquezas, e até as doenças que ocorriam na região para tentar entender mais profundamente as nítidas interações entre o mundo natural e o político.

Simbolizador da vida, o mundo natural amazônico propiciava a sobrevivência dos homens no seu dia-a-dia, com sua água e seus alimentos. Por outro lado, este mesmo espaço significava também a morte, com suas doenças e também, em alguns momentos a fome. A compreensão destes componentes é uma tarefa substancial para um delineamento mais amplo e preciso da escrita de Raiol neste estudo, representando uma perspectiva inovadora desta narrativa.

Homem e natureza, representados pela enorme diversidade do meio natural não podem ser dissociados. Eles interagem entre si continuamente, criando múltiplos laços de dependência. Acreditamos sem qualquer determinismo, que ao longo da escrita de *Motins Políticos*, a natureza, era “(...) capaz de intervir na organização dos homens e no seu comportamento” (NAXARA, 2004, p. 27). Além disso, a própria intelectualidade, da qual este autor fazia parte não esteve neutra ou isenta a toda grandiosidade e diversidade do meio natural amazônico.

### **A natureza como “cenário”: as descrições das belezas e riquezas da floresta amazônica por Domingos Antônio Raiol.**

Tatuoca é um verdadeiro oásis num deserto d'águas. Atualmente arborizada por tôda parte liberaliza a agradável sombra dos seus arvoredos ainda na maior ardência do sol: debaixo dos leques entremeados das palmeiras ou das comas frondosas das mangueiras há sempre refrigério para o calor nos dias mais quentes do verão. A ilha é quase em si um pomar. Não a embelezam sòmente as árvores singulares plantadas com mais ou menos simetria; embelezam-na também as árvores agrestes que brotam do solo e vicejam tanto nas praias como nas fendas das pedras, sobressaindo no contôrno da ilha os ajuruzeiros com os seus frutos púrpuros no verde escuro de suas ramagens (RAIOL, 1970, p. 863).



O bucólico trecho exposto acima, presente em uma obra elaborada na segunda metade do século XIX, não faz parte de nenhuma descrição feita por viajantes ou naturalistas europeus que tanto percorreram a Amazônia naquele século, mas por um historiador paraense.

Ele se refere à ilha de Tatuoca, localizada nas proximidades da cidade de Belém e que durante os conflitos político-sociais ocorridos no Grão-Pará, no contexto das décadas de 1820 e 1830, foi por certo tempo, ocupada por populações da capital da província que na época estavam refugiadas dos ataques cabanos.

Domingos Antônio Raiol, embora muito mais preocupado em descrever uma série de acontecimentos políticos que haviam abalado os “alicerces” sociais da região não podia nem devia se desvencilhar do mundo natural que cercava todos aqueles eventos.

Nesta perspectiva, a citação sobre a ilha de Tatuoca na obra *Motins Políticos*, inevitavelmente deixou transparecer, uma perspectiva “paisagística” desta área em especial da floresta amazônica, que aproximava a narrativa de Raiol daquela retomada por vários escritores do século XIX, para quem “(...) as paisagens elogiadas (...) são na verdade ‘jardins’ (...) criados e manejados pelos humanos. (...)” (DRUMOND, 1991, p. 13).

Assim, a natureza não era mostrada apenas como espaço de ocorrência dos “motins”, mas através do grandioso meio natural amazônico, que diferenciava os eventos políticos do Grão-Pará de outros ocorridos em solo brasileiro no mesmo período.

Por outro lado, a narrativa do Barão do Guajará não ficou limitada em apresentar o mundo natural apenas em razão de sua imensidão ou beleza, mas também, a partir de perspectivas bem distintas, na qual o mesmo também podia ser exposto como um espaço de dor e sofrimento:

Alta sêca e bem arejada, Tatuoca parece destinada a servir de mansão ao prazer e ao descanso. (...) Entretanto, em tempos não muito remotos esta ilha foi um triste cenário de sofrimentos, um vasto cemitério onde ficaram sepultadas inúmeras vítimas imoladas à tormenta revolucionária! Nenhum palmo de terra deixou de ser regado por lágrimas de escruciante dor! (...) (RAIOL, 1970, p. 863-864).

Estas palavras, presentes logo em seguida a descrição das qualidades da ilha, tem uma importância significativa, não apenas por mostrar que na obra *Motins Políticos*, as



representações da natureza assumem situações completamente opostas, às vezes nas mesmas páginas, mas principalmente por expor a “(...) natureza nos mais diversos sentidos em que seja tomada e conceituada (...)” (NAXARA, 2004, p.28). Dessa forma, o ambiente natural podia ser visto, como “(...) jardim paisagístico ou floresta selvagem (...)” (Ibidem, p. 66).

Além destes sentidos, um outro enfoque contido em *Motins Políticos*, foi sem dúvida apresentar o mundo natural a partir de uma lógica com forte sensibilidade, pois ao longo do século XIX “(...) a natureza, seus elementos, recantos, arranjos e paisagens, constituíam lugar exemplar para a expressão dos sentimentos e emoções dos homens, (...)” (Ibidem, p. 77) característica na qual o texto de Raiol estava fortemente inserido, assinalado por “(...) um prévio ‘circuito de comunicação’ da natureza das coisas e da natureza humana(...)” (NUNES, 2005, p. 57).

Nesta perspectiva, o mundo natural foi “mostrado” a partir da inspiração romântica, particularmente através da idéia de “pátria”, “terra natal”, visivelmente presentes nestas descrições da ilha de Tatuoca, na qual a narrativa do paraense Raiol, escrita muitas vezes em momentos no qual este autor encontrava-se distante de sua província de origem, fazia lembrar em alguns momentos autores como Gonçalves Dias, que na sua conhecida “Canção do exílio” expressava através de trechos como: “Minha terra tem palmeiras. Onde canta o sabiá...” sua saudade do Brasil.

Além de todas estas representações, um outro ponto a ser enfatizado era que Raiol também apresentava em sua narrativa perspectivas político-econômicas de observação do meio natural, centradas no objetivo de descrever a natureza amazônica a partir de suas propensas riquezas, potencialidades ambientais e da respectiva ambição estrangeira sobre a região, aspecto bastante visível nas palavras expostas a seguir, referentes às terras ocupadas pelos cabanos:

(...) As regiões que ocupavam eram ricas de cacau, de castanhas, de óleos e de variados produtos naturais. E com tais e tantos elementos de grandeza não podia deixar de excitar a cobiça dos aventureiros, que nas terras virgens da América só buscavam tesouros e fortuna. (RAIOL, 1970, p. 696).

Nesta descrição, além de expor alguns produtos que eram cultivados na região, Raiol teceu profundas críticas, a ambição estrangeira na primeira metade do século XIX, em relação aos recursos naturais da Amazônia, que ele chamava de “aventureiros”, o Barão do Guajará



também procurava mostrar, que o suposto estado de “caos” político-social, favorecia o acesso de poderosos estados europeus as riquezas amazônicas.

Vale ressaltar, que no final do século XIX, não havia nada de novo na idéia de expor ou preocupar-se com as riquezas naturais da Amazônia, pois o próprio Barão deu algumas pinceladas acerca desta temática num outro estudo, denominado: *Abertura do Amazonas (1867)*, que se caracterizava pela perspectiva de unir extratos de suas falas nos debates do Parlamento, no momento em que o autor fazia “(...) parte da primeira comissão de orçamento, e ali lutou pela abertura do rio Amazonas à livre navegação e comércio.” (ILDONE, 1991, p. 57) vista por Raiol em suas idéias liberais, não apenas como uma medida importante para o desenvolvimento econômico e populacional da região, mas também na forma mais adequada de explorar suas riquezas naturais e diminuir a cobiça estrangeira sobre a região.

É importante enfatizar que no contexto histórico da segunda metade do século XIX, no qual Raiol escrevia *Motins Políticos* e *Abertura do Amazonas*, a nação brasileira ainda estava se consolidando politicamente e geograficamente. Assim, estas duas obras também refletiram de formas diferenciadas todo aquele processo de debates políticos.

Por outro lado, através de todas estas colocações, podemos verificar que na obra *Motins Políticos*, o meio natural em suas múltiplas significações, não assume um “papel coadjuvante”, mais ele também, pode ser entendido como um dos pontos centrais através do qual Raiol desenvolve sua narrativa.

Assim, seja na perspectiva de opor beleza e violência, ou através da exposição sobre a cobiça das riquezas naturais amazônicas a natureza sempre relacionada ao homem adquire uma importância primordial e indissociável da narrativa em questão.

### **Germes rebelados: relações entre os “motins” e epidemias no texto de Raiol.**

No final da década de 1890, era publicado o último dos cinco tomos de *Motins Políticos*, nesse estudo, o autor Domingos Antônio Raiol, declarava num dos momentos finais da obra que “Na perturbação geral que sobreveio ao morticínio e aos roubos, (...) a fome, a varíola, o escorbuto, a disenteria, toda sorte de vexames e sofrimentos que nos últimos tempos flagelaram a população (...)” (RAIOL, 1970, p. 806).

Esta descrição, aparentemente despretensiosa, além de expor a ocorrência de epidemias no Pará, durante a primeira metade do século XIX, também deixa transparecer um aspecto



presente no decorrer de grande parte de sua narrativa: a suposta relação feita pelo Barão entre rebelião e epidemias.

Nesta perspectiva, pode parecer estranho à realização de tal abordagem em um estudo sobre as representações da natureza, contudo, a mesma não está dissociada da natureza, pois devemos entender a propagação de variados tipos de doenças no Grão-Pará a partir de suas nítidas e indissociáveis relações com o meio natural.

Além disso, a inclusão de tal análise, centrada no enfoque a doenças epidêmicas, refletia também a própria “(...) concepção de progresso (...) na medida em que a alteração do registro da natureza e natureza humana ganhavam contornos diferenciados com a adoção da biologia (...)” (NAXARA, 2004, p. 79) nitidamente presentes nos últimos tomos de *Motins Políticos*.

Assim, ao serem disseminadas por causas como mudanças climáticas, falta de higiene, guerras, destruição da floresta ou mesmo diretamente “(...) pela fome, (...) causa das epidemias que se abatem sobre a população enfraquecida (...)” (BURGUIÈRE, 2005, p. 186) as múltiplas doenças possuem inseparáveis relações com o meio ambiente, sendo “(...) absurdo negar a possibilidade de uma história natural das epidemias (...)” (Ibidem, p. 188).

Porém, estas doenças contagiosas, apesar de sua origem natural e de serem propagadas a partir de múltiplos tipos de germes, bactérias e fungos, presentes no ambiente em geral, foram disseminadas, de acordo com Raiol, particularmente pelos estragos gerados nas lutas políticas, seguindo a lógica de que “(...) os aumentos e quedas nos números de humanos, as mudanças repentinas de clima e das doenças, as pressões externas advindas das guerras (...) as tragédias do esgotamento e do colapso, (...)” (WORSTER, 2003, p. 8) possuem inseparável relação com a política.

Nesse sentido, o Barão do Guajará, propunha entre outras coisas, desvalorizar a multiplicidade de causas naturais das epidemias, ao centrar quase que unicamente a ligação destas com a política, afirmando que seus diversos choques armados, propiciados pelos participantes do movimento contra as chamadas “forças legais” não haviam apenas desencadeado um grande número de mortos pelos conflitos e distúrbios sociais, mas também eram “responsáveis”, em virtude de seus atos, pela disseminação de doenças epidêmicas na população, entre elas a varíola.

Criticando desta forma os excessos das turbas, Domingos Antônio Raiol subjazia em *Motins Políticos*, que, as ações dos rebeldes não traziam apenas como consequência as



desordens político-sociais, mas também aprofundavam significativamente o estado de caos na saúde das populações da província do Pará, já que a destruição e desorganização econômica, ocasionadas pelos constantes conflitos haviam se constituído num ambiente propício à difusão de epidemias.

Além destes aspectos, vale ressaltar que as idéias do Barão, foram profundamente marcadas pelo pensamento cientificista, que estava em voga na Europa e EUA naquele período, pois “(...) a história constitui-se em disciplinas, na segunda metade do século XIX, (...) pautada no modelo das ciências naturais, pela ciência contra a arte (...)” (CLIFFORD, 1998, p. 194).

É relevante também destacar, que Raiol não buscava apenas criticar secamente as ações políticas das turbas, ele procurava principalmente desvirtuar os “motins”, fazendo uso dos mais variados tipos de artifícios; assim, as ações radicais das camadas populares não eram responsáveis apenas pelas mortes nos choques armados, estas ações poderiam originar o óbito de muitos inocentes por outros motivos, como as contaminações de variados tipos de doenças epidêmicas.

Vale ressaltar, que as observações em relação à disseminação de epidemias na região Norte não se constituíram de forma alguma em uma preocupação exclusiva do Barão do Guajará, muito antes dele, desde a época colonial, cronistas, viajantes e naturalistas já haviam demonstrado profundas inquietações com a ocorrência de epidemias no Pará, um deles, o botânico alemão Von Martius, no início do século XIX, após percorrer o Brasil entre 1817 e 1820, realizou a seguinte descrição sobre uma epidemia de varíola no Pará:

Em 1819, explodiu no Pará uma epidemia de varíola que pouco a pouco atacou cerca de 4.000 pessoas e, na pior fase, faleciam diariamente, de 36 a 48. (...) no Brasil, as mais graves epidemias de varíola, as que produziram maiores devastações nos índios, originaram-se entre os negros recém-chegados, e se irradiaram, por conseguinte, das populosas cidades litorâneas. (...) Foi o que aconteceu com o Pará em 1819, (...) (MARTIUS, 1979, p. 76-77).

Mais que um importante fragmento de época, as percepções deste viajante europeu são bastante esclarecedoras, no sentido de revelar com poucos anos de antecedência em relação ao contexto histórico presente na narrativa de *Motins Políticos* que a ocorrência de epidemias, como a de varíola, era algo comum entre as populações amazônicas, possuindo diversas



motivações, e não sendo sua disseminação, direcionada quase que exclusivamente como consequência pelas lutas políticas que ocorriam no Pará.

Além disso, também podemos observar na descrição de Von Martius que no Pará da primeira metade do século XIX, a ocorrência de surtos epidêmicos atingia a população em geral. Situação bem diferente do quadro de contaminação presente em solo americano, no início do processo de colonização européia, quando os germes atingiam principalmente as populações nativas, sendo “(...) os principais responsáveis pela devastação dos indígenas (...)” (CROSBY, 1993, p. 175).

Outro aspecto fundamental a ser destacado, nesta descrição feita pelo viajante alemão, é que o mesmo, diferentemente de Raiol, não “concentra”, em sua obra, as explicações para a propagação de doenças no Grão-Pará, a qualquer motivação política, tornando esta disseminação “inseparável” das causas naturais. Martius chega a afirmar em relação à contaminação das crianças por varíola, que a mesma “(...) se manifesta, de preferência (...) antes da estação quente das chuvas; (...)” (MARTIUS, 1979, p. 77)

Evidentemente, seria ingênuo pensar que o autor de *Motins Políticos* desconhecesse ou negasse as causas “naturais” das epidemias, vivendo em uma época de pleno desenvolvimento científico. Porém, para Raiol, foram particularmente as causas “artificiais”, propiciadas enorme destruição, fome e miséria geradas pelas lutas políticas no Pará, entre os anos de 1823 e 1840, que ganharam inegavelmente uma importância bem mais ampliada, além de “tons” dramáticos e emocionais, constantes na narrativa deste autor, como podemos verificar no trecho presente a seguir, referente aos momentos finais dos “motins” na década de 1830:

(...) Não existe talvez uma só família paraense, que ali não perdesse pelo menos um parente ou um amigo estremecido! A varíola que sobreveio, seguida de tantas outras enfermidades, não deixou ninguém incólume na consternação geral! (...) (RAIOL, 1970, p. 864)

Discorrendo de maneira muito clara acerca das significativas perdas familiares ocasionadas diretamente pela eclosão destas doenças, este trecho da obra expõe de forma bastante perceptível à dramaticidade tipicamente romântica da narrativa de Domingos Antônio Raiol em relação à disseminação de epidemias.



Outro ponto fundamental, em relação a esta parte da narrativa do Barão do Guajará, é a idéia de demonstrar que os “motins” foram responsáveis pelo agravamento da situação de miséria das populações paraenses, como se a mesma não existisse na fase anterior e não fosse uma das motivações para a própria ocorrência dos movimentos de rebelião.

Além disso, tais palavras, caracterizadas pelo tom emotivo, também representavam uma espécie de denúncia, contra um movimento que, segundo o autor, além da anarquia e das perdas econômicas ainda, gerava a doença, a morte e enormes perdas familiares.

Mas se em *Motins Políticos*, os germes eram supostamente “personagens” ligados à política, estando quase sempre presentes nos diversos eventos narrados, eles também demonstravam um grau de rebeldia tão profundo quanto às “turbas”, pois não tinham evidentemente preferências entre suas vítimas, que poderiam ser desde os participantes das camadas populares ou das elites dominantes locais, infectando e derrubando grupos sociais e étnicos diversos como índios, negros, brancos e até estrangeiros, que desavisados ou não acabavam vitimados.

Assim, fosse dentro da cidade de Belém, no meio das florestas ou no interior das embarcações, ninguém estava seguro para evitar ser contaminado por alguma enfermidade e de morrer em virtude dela, como podemos verificar na descrição de Raiol sobre a força militar do vice-presidente Ângelo Custódio:

A única força de que poderia dispor era a marinhagem dos navios de guerra, que nem tinham completas as suas guarnições; - eram as praças do batalhão de caçadores do Maranhão, das quais umas já tinham desertado e outras estavam doentes de varíola; (...) (Ibidem, p. 816).

Em razão da vasta parcela da população atingida pelas doenças epidêmicas, particularmente a varíola, como podemos perceber nesta citação. A luta pela liberdade e cidadania de alguns e da manutenção da ordem instituída para outros, adquiria como pano de fundo na obra de Domingos Antônio Raiol, a incerteza em relação à própria integridade físico-social das populações da província, pois a “foice” da morte era “agravada” pelas lutas políticas.

Por outro lado, o Barão do Guajará não se limitava a descrever de forma “comovente” a situação dos grupos populacionais atingidos pelas epidemias. Havia na obra uma outra



importante conotação relacionada à doença que não estava propriamente ligada ao corpo físico-social, mas, direcionava-se as “desordens” políticas que ocorriam na província.

Esta caracterização estava ligada à atribuição de um “papel simbólico das doenças”, em uma perspectiva não científica, caracterizada por uma suposta relação metafórica existente entre o biológico e as questões político-sociais.

Nessa perspectiva, a doença, ou pelo menos algumas conceituações de uso médico-científico, eram utilizados para denominar os impactos nos conflitos ocorridos paraenses no contexto histórico descrito. Assim, em determinados momentos de sua narrativa, o Barão do Guajará associava a própria ação das turbas a uma doença que precisava ser estirpada, tornando-se comum o uso de termos como: “vírus da anarquia” (Ibidem, p. 517), “enfermidades públicas” (Ibidem, p. 628), “lepras sociais” (Ibidem, p. 413), “germens do descontentamento popular” (Ibidem, p. 804).

No tocante a este aspecto, a linguagem empregada por Raiol não era a de um cientista ou médico, seu uso, era muito mais metafórico, através de exemplos, ou para ressaltar sua erudição de “escritor polígrafo” (RICCI, 2002, p. 29), característica bem destacada pela historiadora Magda Ricci.

Nesse sentido, é justamente a ênfase propiciada pelo Barão do Guajará, em associar as ações políticas das turbas a uma doença, que se constitui um dos principais problemas a serem enfatizados nesta parte do estudo. Já que em sua obra, como foi ressaltado, o Barão do Guajará pouca atenção destina às demais causas naturais da difusão de epidemias na província, concentrando suas atenções na relação entre política e doença.

Tais percepções, apenas demonstravam o quanto Domingos Antônio Raiol antipatizava as ações propiciadas pelos rebeldes naqueles “motins”, a ponto de considerá-las um mal, que assim como as doenças epidêmicas, segundo ele, havia contaminado grande parte da população provincial.

Dessa forma, os “germens rebelados”, presentes nesta narrativa, não estavam somente ligados à saúde física da população do Pará. Eles, assim como as doenças epidemiológicas narradas anteriormente, também possuíam o seu território demarcado, cujo epicentro nem sempre era o mesmo da geografia ou especificamente do meio natural, mas principalmente o da “má política”.

Esta, sob comando das turbas, além de constituir-se, em *Motins Políticos* na mais presente causa de disseminação de variados tipos de epidemias, representava por si mesmo



uma doença, funcionando como “(...) pólipos asquerosos que afetam e estragam o corpo social, (...)” (RAIOL, 1970, p. 973), que urgentemente deveriam ser extirpados.

Finalmente, tão “graves doenças” presentes na sociedade paraense da época, não representavam apenas o favorecimento das ameaças à saúde física, mas causavam, na visão do Barão do Guajará, um risco ainda maior a ordem político-social, que necessitava ser preservada e restabelecida. Para isso, tornava-se necessário o uso de “remédios” variados, destinados as “curas” das múltiplas enfermidades, que atingiam a província.

Assim, para os males físicos deveriam ser utilizados os meios da medicina, para os sociais existiam outras formas de cura, que iam desde os meios “menos dolorosos” como o desenvolvimento educacional e econômico, até aqueles “mais amargos”, simbolizados pela extrema repressão imposta pelas “forças legais”. Somente com a utilização de tais “remédios”, era possível trazer de volta a “saúde” política, social e também física de uma província que segundo Raiol ameaçava entrar em “órbita”.

### **Sob a proteção da natureza: usos da floresta pelas turbas em *Motins Políticos*.**

Além das variadas formas e sentidos da natureza, já apresentadas anteriormente, havia também na obra de Raiol, uma outra perspectiva em relação ao mundo natural, simbolizada pela suposta “proteção” que este oferecia particularmente aos grupos rebelados. Nesta, o Barão do Guajará defendia uma “(...) valorização da subjetividade na visão da natureza que, dentro do espírito romântico, tentava a compreensão do que ela é e representa e do que o homem experimenta ao seu contado (...)” (NAXARA, 2004, p. 148).

Este aspecto apenas revelava mais uma das múltiplas representações do mundo natural no texto de *Motins Políticos*, já que os grupos humanos na Amazônia do século XIX, assim como em outras partes do mundo sobreviviam já naquele contexto com uma “(...) dependência extremamente alta dos recursos naturais, fosse para o trabalho, o alimento, o vestuário ou o transporte. (...)” (THOMAS, 1996, p. 31) que acabou refletindo-se no próprio contexto dos “(...) prolongados conflitos sociais (...)” (Ibidem, p. 233) no Grão-Pará, alterando em muitos momentos o próprio equilíbrio das forças militares em luta.



Assim, outra representação bastante importante da natureza na obra de Raiol se dava em razão desta simbolizar também “sobrevivência” e “proteção natural” para os participantes dos constantes movimentos de rebelião, formados geralmente pelas camadas populares, pois “(...) em todo e qualquer lugar, a natureza oferece aos humanos que ali vivem um conjunto flexível, mas limitado de possibilidades de se manterem vivos. (...)” (WORSTER, 1991, p. 9)

Nesse sentido, Domingos Antônio Raiol, considerava em diversos momentos, “(...) que os habitantes das florestas tendiam a ser (...) sem lei, indigentes, rebeldes e rudes. (...)” (Ibidem, p. 233) mas que possuíam amplo conhecimento dos recursos que poderiam ser retirados da floresta em sua luta pela vida.

Não por acaso, o meio ambiente na obra do Barão do Guajará, tinha entre suas potencialidades, a perspectiva de possibilitar uma forma de “barreira natural”, que dificultava o avanço das “forças legais”, pois as “turbas”, descritas por este autor, em seus ataques contra as tropas inimigas, também contavam com o “apoio” do meio ambiente de uma forma bastante ampla, representado pelos rios ou florestas:

(...) Homens desconhecidos, ocultos por entre os arvoredos que ali existiam, aproveitaram-se da escuridão da noite para espancar seus desafeiçoados, (...) colados aos troncos das árvores, esperavam que êles saíssem de suas casas, e ao passarem eram êstes acometidos e maltratados, sem poder averiguar quem eram êsses vultos desfigurados que se sumiam nas sombras. (RAIOL, 1970, p. 205)

Além da descrição suficientemente clara em relação à suposta “camuflagem” propiciada pelas árvores da floresta amazônica neste suposto ataque dos cabanos sobre as forças “legais”, Raiol também deixa transparecer que o conhecimento mais “profundo” da massa rebelde paraense em relação aos “segredos” das florestas e dos rios da região foi fundamental para o prolongamento do conflito, pois as diversas formas de vida do meio natural têm sido incondicionalmente “(...) aliadas dos humanos na luta para sobreviver (...)” (WORSTER, 1991, p. 6), facilitando a realização destas incursões com certa vantagem, no tocante às “forças legais”, em grande parte originadas de outras províncias e desconhecedoras do mundo natural amazônico.

Além deste aspecto, os “usos” dos recursos da floresta e dos rios pelos cabanos, também foram interpretados pelo Barão do Guajará, a partir de um enfoque extremamente crítico e



depreciativo da cultura das populações nativas amazônicas, pois, se estes rebeldes tinham os recursos da natureza como “apoio” em suas formas de resistência, também eram criticados por Raiol, pelo suposto “comportamento pouco civilizado que possuíam”, como podemos observar nas palavras a seguir:

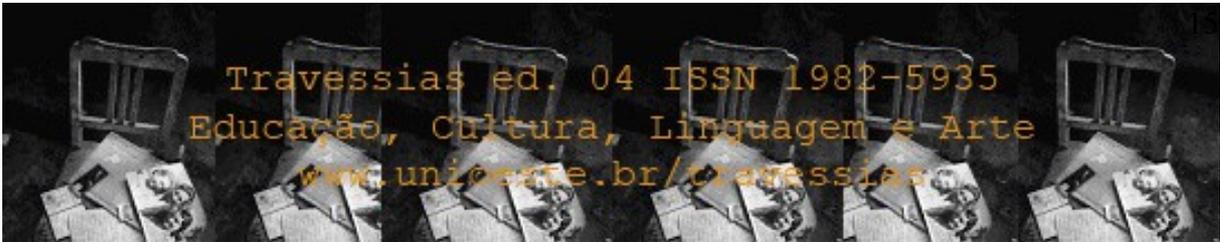
(...) Vestiam camisas e calças de diferentes panos, compradas e feitas à sua própria custa. Para regularizar êste variado uniforme, tingiam depois umas e outras na casca de muruxi fervida em água, dando a tôdas a côr avermelhada dêste arbusto. Raros eram os que usavam de calçados e chapéus. (...) O sol, as chuvas, as intempéries do tempo não lhes faziam moossa. Frutos agrestes, um pouco d’água com farinha serviam-lhes de refeição muitas vêzes. (...) (RAIOL, 1970, p. 831-832)

Por meio desta citação, ficam explícitos alguns dos múltiplos “usos” dos recursos naturais pelos grupos rebelados e principalmente do conhecimento que os nativos possuíam da floresta.

Porém, ao mesmo tempo em que Raiol destacava a vida “simples” das populações nativas, realizava um paralelo com os valores “civilizatórios” de origem européia, considerando que era também em suas “práticas” consideradas “pouco desenvolvidas” do meio natural, que as “turbas” rebeladas se distinguíam das “forças legais”, levando certa vantagem sobre estas, em razão de serem mais “adaptadas” aos hábitos “selvagens” da floresta.

Esta suposta “vantagem”, propiciada por um maior conhecimento do meio natural no movimento cabano, não ficou restrita as descrições presentes em *Motins Políticos*, sendo também destacada em outros estudos, possuidores de enfoques bem diferentes, como por exemplo, na obra *História geral da civilização brasileira*, organizada por Sérgio Buarque de Holanda, publicada entre as décadas de 1960 e 1970, na qual o autor Arthur César Ferreira Reis expressou que os “(...) rebeldes, escapando naquele primeiro momento da vitória dos legais, prosseguiriam nas guerrilhas em que se revelaram mestres. A rede hidrográfica e a floresta eram-lhes aliados certos e seguros (...)” (REIS, 1972, p. 121).

Em um outro artigo, publicado mais recentemente, a historiadora Magda Ricci reforçou esta característica dos cabanos, ao afirmar que eles “(...) aprenderam a usar a natureza a seu favor, envenenando rios, queimando a mata, espantando os animais e dizimando plantações de



alimentos básicos para a subsistência das tropas inimigas, como a mandioca e o milho (...)” (RICCI, 2006, p. 28).

Tais narrativas, apesar de profundamente distantes em suas perspectivas, tempo e espaço, guardam como ponto em comum o aspecto de destacarem a importância do conhecimento do meio natural pelos rebeldes cabanos, o que na época sem dúvida representava uma importante vantagem em relação à “forças legais”.

Assim, a suposta “proteção” da natureza em *Motins Políticos* não se restringiu às estratégias de ataques armados e emboscadas dos cabanos, tendo múltiplas representações. Outra “função” se constituiu também na perspectiva de Raiol em considerar o meio natural como fonte de abastecimento das necessidades humanas, e também de esconderijo, particularmente nos contextos de crise e luta pela sobrevivência, como no caso da habitação construída no momento de fuga de Eduardo Angelim:

A casa era coberta de ramos de palmeiras que também serviam de tapagem aos compartimentos. Os bancos de assento eram pedaços madeiros broncos, e os leitos macas grosseiras de cipós e jiraus sotopostos a fibras tiradas da entrecasca de certas árvores. Nos quartos de dormir havia uma espessa camada de fôlhas para impedir a umidade do chão. (...) (RAIOL, 1970, p. 979)

Era em situações como esta que a floresta amazônica, prestava um inestimável apoio às necessidades humanas, constituindo, no caso específico, num “suporte” fundamental à sobrevivência dos grupos rebeldes particularmente no contexto final da repressão aos participantes dos “motins”, que acabou durando vários anos.

Além da luta pela sobrevivência, propiciada pelos povos da floresta no decorrer do contexto de lutas político-sociais no Grão-Pará, vale destacar que tal perspectiva não ficou restrita aos momentos de conflitos políticos, mas foi e é uma constante na vida dos múltiplos grupos humanos espalhados pelo mundo e também em nosso país, pois a “(...) economia e a sociedade brasileiras continuam a ser extremamente dependentes dos recursos naturais (...)” (DRUMMOND, 1991, p. 18).

Doravante, fica também bastante perceptível em *Motins Políticos*, que o uso dos meios naturais para a sobrevivência não era um recurso exclusivo dos índios e caboclos amazônicos.



Eduardo Angelim, um dos líderes do movimento, era migrante de origem nordestina, que após anos de contato com as populações nativas locais, acabou se adaptando a parte dos hábitos e costumes pertencentes à cultura local, contribuindo para que ele pudesse sobreviver no meio da floresta, durante a fase final do movimento.

Porém, além deste aspecto, vale também salientar que as idéias presentes neste tópico da obra de Domingos Antônio Raiol, ganham certa aproximação de um dos principais enfoques atuais da história ambiental, em valorizar “(...) los conflictos sociales generados por las clases y grupos sociales subordinados en la búsqueda de su sobrevivência. (...)” (MOLINA, 1993, p. 88), e a natureza, como vimos aqui, teve um papel primordial não apenas nas lutas políticas, mas também na “batalha” pela vida.

## **Conclusões**

A partir das múltiplas “representações” da natureza, fica bastante visível que a obra *Motins Políticos* não pode, nem deve ficar restrita a análise das lutas político-sociais, possuindo variados caminhos, dos quais muitos ainda têm de ser percorridos.

Se o Barão do Guajará, não tinha o objetivo principal de inserir o mundo natural em uma posição primordial de sua narrativa, é algo que parece bastante claro, porém a mesma “inevitavelmente” se fez presente, seja a partir de um “simples” “pano de fundo”, de suas riquezas naturais, doenças ou mesmo como “refugio” e “proteção” para as massas rebeladas.

Assim, o grande objetivo deste artigo, de mostrar simultaneamente as múltiplas representações da natureza na escrita do Barão foi alcançado, rompendo, nesse sentido, com as limitações de outras análises, que usando o texto de Raiol como fonte, não deram nenhuma atenção as diversas referências feitas por este autor em relação ao mundo natural que estava inseparável das lutas políticas.

Finalmente, em uma obra com mais de mil páginas, escrita no decorrer de três décadas do século XIX, possuidora de uma grande diversidade de detalhes ainda a serem analisados, a visualização de algumas descrições da natureza significa apenas uma pequena “gota”, no verdadeiro, “mar” de informações sobre múltiplas temáticas que estes tomos podem abarcar. Assim, percorremos apenas um dos caminhos que deveriam ser seguidos, falta ainda muito a “caminhar” e conhecer.



Para isso, antes de tudo, torna-se necessário, realizar através da ótica da história social, uma releitura dos tomos de *Motins Políticos*, e também dos demais estudos de Domingos Antônio Raiol, pois se suas obras forem pesquisadas além de sua “superfície” político-social poderão revelar muitos outros detalhes sobre o passado paraense, amazônico e brasileiro ainda pouco conhecidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURGUIÉRE, André. *A antropologia histórica*. IN: LE GOFF, Jacques (org.). *A história nova*. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHIAVENATO, José Júlio. *Cabanagem: o povo no poder*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DIAS, Gonçalves. *Canção do Exílio*. IN: FACCIOLI, Valentim; OLIVIERI, Antônio Carlos. *Antologia da poesia brasileira: romantismo*. 9ª Ed. São Paulo: Ática, 1999.
- DRUMMOND, José Augusto. *A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*. Estudos Históricos, vol. 4, nº 8 (1991), pp. 177-97
- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1998.
- CROSBY, Alfred W. *Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CRUZ, Ernesto. *Nos Bastidores da Cabanagem*. Oficina Gráfica da Revista de Veterinária, 1942.
- \_\_\_\_\_. *História do Pará*. Belém: Universidade do Pará, 1969.
- GUINSBURG, Jacó (Org.) *O romantismo*. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- HURLEY, Henrique Jorge. *A Cabanagem*. Belém: Livraria Clássica, 1936.
- ILDONE, José. *Noções de História da Vigia*. 1ª Ed. Belém: Edições SEJUP. 1991.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philipp Von. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. Tradução, prefácio e notas de Pirajá da Silva. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional. 1979.
- MOLINA, Manuel González de Molina. *Historia y medio ambiente*. Madri: Eudena, 1993.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e Sensibilidade Romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- RICCI, Magda. O Império Lê a Colônia: Um Barão e a história da civilização na Amazônia. IN : *Terra Matura: historiografia e história social na Amazônia* / José Maia Bezerra Neto, Décio de Alencar Guzmán, (orgs.). Belém: Paka-Tatu, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840*. Revista tempo: Rio de Janeiro, v. 22, 2006.



RAIOL, Domingos Antônio. *Motins Políticos ou História dos Principais Acontecimentos Políticos na Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, Belém, Universidade Federal do Pará, 1970.

\_\_\_\_\_. *Abertura do Amazonas*. Tip. do Jornal do Amazonas, Belém. 1867.

REIS, Arthur César Ferreira. *O Grão-Pará e o Maranhão*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de, org. *História Geral da Civilização Brasileira*, (Tomo II – O Brasil Monárquico, Vol. 2) São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.

ROCQUE, Carlos. *Cabanagem: epopéia de um povo*. Belém: Imprensa Oficial, 1984.

SALLES Vicente. *Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará*. Belém: CEJUP, 1992.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WORSTER, Donald. *Para fazer história ambiental*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 198 – 215

\_\_\_\_\_. *History as natural history*. The wealth of nature. Environmental history and the ecological imagination. Oxford: OUP, 1993 pp. 31-43

\_\_\_\_\_. *Transformações da terra para uma perspectiva agroecológica na história*. Ambiente & sociedade. vol. 5 n. 2/ vol. 6 n. 1. Campinas. 2003.